

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Instituto de Ciências Humanas

Departamento de História

Naidison Oliveira de Moraes

## **O poder do discurso: Marighella e a Guerrilha Urbana**

Brasília

2023

Naidison Oliveira de Moraes

## **O poder do discurso: Marighella e a Guerrilha Urbana**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado à  
Universidade de Brasília (UnB), como parte das  
exigências para a obtenção do título de Licenciado  
em História.

Orientador: Prof. Dr. Mateus Gamba Torres

Brasília

2023

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus familiares pelo apoio e motivação ao longo de toda a minha graduação, em especial, a minha mãe Herminia Marques, o meu irmão Wemison Oliveira e as minhas irmãs Vanessa Viviana, Elica Oliveira e Viviane Oliveira. Estes foram cruciais para que eu chegasse até aqui, seja pelas pérolas de sabedoria seja pelos inúmeros momentos acolhedores que me propiciaram ao longo de todo o processo.

Agradeço aos meus amigos da universidade pela amizade e pelo companheirismo ao longo do curso, sobretudo aos meus amigos Pablo Ytalo, Rafael Vieira, Rafael Henrique e a minha amiga Isabella Marques. Além de tudo, eles foram os responsáveis por tornarem o curso um pouco mais “fácil”, divertido e interessante, ou melhor, por eterniza-lo.

Agradeço ao meu orientador Mateus Gamba Torres que não mediu esforços para me ajudar na elaboração deste trabalho, isto é, pela assiduidade e comprometimento para com a orientação, bem como pela sua amizade. Além disso, também lhe agradeço pelos diálogos, pelo incentivo nos momentos de dificuldade e pelas oportunidades de pesquisa.

Também agradeço aos meus amigos de outras áreas: Cleyverson, Kelvin, Siló, Wildes, Gabriel, Junior, Talyson e Thiago pela amizade e pelos incontáveis momentos de alegria que vivenciamos no percorrer destes anos, tal como pela ajuda e pelos conselhos em momentos difíceis.

Por fim, agradeço a Deus pela força de vontade e determinação que me concedeu a cada dia.

“As revoluções são a locomotiva da história”. - **Karl Marx**

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar o discurso de Carlos Marighella presente em seu livro "*Manual do Guerrilheiro Urbano*". Logo, à luz da concepção de discurso de Michael Foucault, pretende-se entender qual era a noção de Marighella a respeito do que era um guerrilheiro urbano e do modo como agiam, bem como seu ponto de vista sobre a ditadura civil-militar. Assim sendo, pretende-se apreender como o discurso de Marighella instigou as pessoas a pegarem em armas e irem à luta. Ademais, tendo em vista a pluralidade de versões que existem acerca da guerrilha de forma geral, esta pesquisa intenciona compreender como ocorre o processo de construção e reconstrução da memória desta. Por fim, no que tange à metodologia empregada neste estudo, esta caracteriza-se por ser qualitativa. Destarte, a fonte utilizada neste trabalho foi "*o Manual do Guerrilheiro urbano*", além disso, como aparato bibliográfico, cotejou-se o conhecimento de diversos autores.

**Palavras-chave:** Guerrilha urbana; Marighella; discurso; ditadura civil-militar.

## ABSTRACT

This work aims to analyze the speech of Carlos Marighella present in his book "Minimanual of the Urban Guerrilla". Therefore, in the light of Michael Foucault's conception of speech, it is intended to understand what was Marighella's notion of what an urban guerrilla was and how they acted, as well as their point of view on the civil-military dictatorship. Thus, it is intended to learn how Marighella's speech instigated people to take up arms and go to the fight. Moreover, in view of the plurality of versions that exist about the guerrilla in general, this research intends to understand how the process of construction and reconstruction of the memory of this occurs. Finally, regarding the methodology used in this study, this is characterized by being qualitative. Thus, the source used in this work was "Minimanual of the Urban Guerrilla", in addition, as bibliographic apparatus, collated the knowledge of several authors.

**Keywords:** Urban guerrilla; Marighella; discourse; civil-military dictatorship.

## **Lista de Figuras**

Figura 1 - Carlos Marighella - pág. 12

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO I: MARIGHELLA E SUA VISÃO DE MUNDO.....</b>	<b>13</b>
1.1 O QUE É UM GUERRILHEIRO? .....	13
1.2 COMO CARACTERIZOU-SE A DITADURA CIVIL-MILITAR?.....	20
<b>CAPÍTULO II: O GUERRILHEIRO E A GUERRILHA: ATUAÇÃO E MEMÓRIA .</b>	<b>24</b>
2.1 PREPARAÇÃO TÉCNICA DO GUERRILHEIRO URBANO .....	24
2.2 AS AÇÕES REALIZADAS PELOS GUERRILHEIROS URBANOS E O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA.....	28
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>36</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>41</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso tem por objetivo investigar o discurso de Carlos Marighella presente no “*Manual do Guerrilheiro Urbano*” a respeito da noção que este tinha acerca do que é ser um guerrilheiro, bem como este aborda a ditadura civil-militar. Ademais, esta pesquisa busca entender como o discurso de Marighella instigava os indivíduos a se oporem ao regime e, conseqüentemente, intenciona compreender a maneira pela qual os guerrilheiros urbanos preparavam-se tecnicamente e agiam durante a ditadura brasileira.

Diversos foram os fatores que culminaram na implementação da ditadura no território brasileiro, como, a instabilidade política, o “medo” do comunismo, o cenário econômico, dentre outros. No entanto, um dos aspectos mais notáveis foi a influência ideológica que este receberá dos Estados Unidos da América, país com o qual mantinha estreitos laços políticos e econômicos e, por conseguinte, aliou-se durante a Guerra Fria<sup>1</sup>. Destarte, sob a ideologia da Doutrina de segurança Nacional e Desenvolvimento, o Brasil vivenciou um modelo político extremamente repressivo e violento, o qual combateu com ferocidade todos aqueles que se opunham ao regime em vigor<sup>2</sup>. Assim sendo, neste período, ascendeu ao poder um governo ilegítimo que se pautou no autoritarismo por diversas prisões arbitrárias, assim como muitos desaparecimentos, tortura, cassação de direitos políticos de servidores públicos, censura da imprensa, dentre outras coisas. Em suma, a ditadura não respeitou os direitos do ser humano, institucionalizou a violência e trouxe milhares de vida.

À vista disso, torna-se fundamental assimilarmos e entendermos os modos de oposição que existiram ao longo dos 21 anos de ditadura no Brasil. Logo, dentre os principais movimentos que foram realizados pelos opositores do regime podemos destacar, os movimentos estudantis, os movimentos sindicais, a guerrilha rural, a guerrilha urbana, as greves e as passeatas. Além disso, é fundamental ressaltar que tais movimentos foram organizados por indivíduos provenientes de diversos setores sociais, como, por exemplo, os trabalhadores rurais, operários, etc<sup>3</sup>.

Os cidadãos que se contrapuseram à ostensiva repressão imposta pelo Estado de Segurança Nacional e Desenvolvimento criaram diversas estratégias com o intuito de acabar

---

<sup>1</sup> CHIAVENATO, Júlio José. “*O Golpe de 64 e a ditadura militar*”. São Paulo: Moderna, 2004.

<sup>2</sup> BRASIL. (1967) Decreto-Lei nº 314, de 13 de Março de 1967. Diário Oficial da União: Seção 1 - 13/3/1967, Página 2993. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1960-1969/decreto-lei-314-13-marco-1967-366980-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 15 Abr. 2023.

<sup>3</sup> RIDENTI, Marcelo Siqueira. *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo: UNESP, 2005.



com tais práticas, tal como de alcançar seus direitos e a liberdade que possuíam antes do regime. Contudo, é crucial destacar que tais pessoas foram designadas pela ditadura como terroristas, todavia, conforme Carlos Marighella<sup>4</sup>, ser designado como terrorista nos tempos da ditadura militar é um atributo que dignifica qualquer pessoa honrada, pois isto é ato digno de um revolucionário comprometido na luta armada contra o regime e seus excessos.

Aliás, é importante ressaltar que apesar de terem enfrentado muitas dificuldades durante a ditadura civil-militar, a oposição armada comandada por Marighella resistiu e, por conseguinte, foi muito importante para o enfraquecimento e derrubada do regime, tal como para o reestabelecimento da democracia em nosso país. Logo, mesmo que os historiadores analisem tal episódio a partir da perspectiva crítica que o ofício do historiador lhes exige, ainda sim a historiografia os levará a perceber a importância, naquele momento, da luta levada a cabo pela oposição armada de Marighella. Segundo Umberto Eco<sup>5</sup>, o fascismo é um mal eterno, o qual sempre deve ser combatido a fim de que os princípios democráticos sejam assegurados!

Ante o exposto, Eco coloca

O Ur-fascismo, ou fascismo eterno, ainda está ao nosso redor, às vezes em trajes civis. Seria muito confortável para nós se alguém surgisse na boca de cena do mundo para dizer: "Quero reabrir Auschwitz, quero que os camisas-negras desfilem outra vez pelas praças italianas!" Infelizmente, a vida não é fácil assim! O Ur-Fascismo pode voltar sob as vestes mais inocentes. Nosso dever é desmascará-lo e apontar o dedo para cada uma de suas novas formas – a cada dia, em cada lugar do mundo<sup>6</sup>.

De acordo com Maria Helena Moreira Alves<sup>7</sup>, a oposição, de modo geral, teve grande significância durante a ditadura civil-militar. De mais a mais, a autora argumenta que só é possível compreender a natureza do Estado de Segurança Nacional e Desenvolvimento se, a priori, se buscar entender a relação dialética existente entre este último e a oposição organizada.

Além de tudo, Alves ressalta que a relação dialética entre o Estado de Segurança Nacional e Desenvolvimento e a oposição organizada constantemente alterava-se – O Estado de Segurança Nacional e Desenvolvimento buscava superar a oposição e esta, por sua vez,

---

<sup>4</sup> MARIGHELLA, Carlos. *Manual do Guerrilheiro Urbano*. Sabotagem, 2003.

<sup>5</sup> ECO, Umberto. *O Fascismo Eterno*. Rio de Janeiro: Record, 2018.

<sup>6</sup> *Ibid.*, p. 60 - 61.

<sup>7</sup> ALVES, Maria Helena Moreira. *Estado e oposição no Brasil (1964-1984)*. Bauru: EDUSC, 2005.

buscava derrubar o governo, seja pela via armada ou democrática. Não obstante, o que ambos conseguiam era apenas modificar o outro, modificações estas que acabavam originando novos impasses. A autora argumenta que por não conseguir destruir a oposição, o Estado de Segurança Nacional e Desenvolvimento foi forçado a acatar determinadas exigências provenientes de alguns setores da oposição. Diante disso, Alves alega que o Estado de Segurança Nacional e Desenvolvimento operava tal relação dialética com a oposição por meio de ciclos de repressão e liberalização, no qual depois de um período de repressão era colocado em prática uma política de liberalização gradual que objetivava diminuir a tensão criada para com a oposição por conta da violência praticada pelo Estado<sup>8</sup>.

Para mais, a autora explica que o desenvolvimento da estrutura institucional do Estado de Segurança Nacional e Desenvolvimento ocorreu em três momentos diferentes. Consoante Alves, a primeira fase vai de 1964 a 1968 e caracterizou-se pelo período em que o Estado buscou o estabelecimento de um projeto de governo formal e empenhou-se no lançamento de suas bases estruturais duráveis; a segunda fase aconteceu entre 1968 e 1974 e caracterizou-se pelo período em que o governo focou no amadurecimento do aparato de segurança; e, por último, a terceira fase que vai de 1974 a 1984 e caracterizou-se pela política de “distensão” contida na sociedade com a finalidade de resguardar o Estado de Segurança Nacional e Desenvolvimento<sup>9</sup>.

Tendo em vista a constante busca por estabilidade do Estado de Segurança Nacional e Desenvolvimento, a autora aduz que

A constante busca de estabilidade e de uma institucionalização permanente revela a fragilidade inerente do Estado de Segurança Nacional. Esta fragilidade é consequência de três principais fatores: sua incapacidade de legitimar-se e seu isolamento cada vez maior da sociedade civil; incapacidade de desenvolver mecanismos estáveis e eficientes para a transferência do poder; incapacidade de superar dissensões e contradições no quadro de sua própria base de sustentação - os militares. A permanente crise de legitimidade refletiu a impossibilidade de mascarar a defasagem entre a linguagem da democracia e a prática da repressão. Mesmo em períodos de relativo alívio da repressão física a necessidade de recorrer a flagrantes formas de manipulação eleitoral minou constantemente as alegações de legitimidade do Estado. A persistência de iniquidade social extrema e flagrante, assim como a continuada aplicação de violência de Estado drástica, ainda que seletiva, prejudicaram o desempenho de assegurar a estabilidade mediante mecanismos de representação mais flexíveis, durante a terceira fase de institucionalização<sup>10</sup>.

---

<sup>8</sup> ALVES, Maria Helena Moreira. *Op. Cit.*, p. 379 - 380.

<sup>9</sup> *Ibid.*, p. 383 - 384.

<sup>10</sup> *Ibid.*, p. 385.

No que diz respeito à metodologia empregada neste trabalho, esta consiste na análise qualitativa do discurso de Marighella, manifesto no “*Manual do Guerrilheiro Urbano*”, acerca do que era ser um guerrilheiro e de sua importância e atribuições durante a ditadura civil-militar brasileira. Ainda, neste horizonte, será examinado o discurso de Marighella a respeito da ditadura e a forma como este alega que os movimentos guerrilheiros eram percebidos pelos militares e civis que eram a favor do regime. Para realizar tal intento, a concepção de discurso que será utilizada nesta monografia é a concebida pelo filósofo francês Michel Foucault.

Outrossim, com o propósito de contextualizar e embasar minha pesquisa utilizarei alguns livros, capítulos de livros e artigos como aporte teórico. Quanto aos livros e capítulos de livros, serão utilizados os seguintes: o livro “O fantasma da revolução brasileira” de Marcelo Siqueira Ridenti; o livro “A Revolução faltou ao encontro: os comunistas no Brasil” de Daniel Aarão Reis Filho; o livro “Combate nas Trevas” de Jacob Gorender; o livro “O Fascismo Eterno” de Umberto Eco; o livro “Estado e Oposição no Brasil (1964-1984)” de Maria Helena Moreira Alves; um capítulo do livro “O Golpe de 1964 e a Ditadura militar”, de Júlio José Chiavenato, denominado “A luta armada”; e um capítulo do livro “O Brasil Republicano, volume 4, O tempo da Ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX”, intitulado “Esquerdas revolucionárias e luta armada”.

Em relação aos artigos, serão utilizados os seguintes: o artigo “Esquerda armada no Brasil: a palestra “A Ordem do Discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de Dezembro de 1970” de Michel Foucault; o artigo “Memória individual, memória coletiva, memória social” de Jô Gondar; o artigo “Memórias da guerrilha: construção e transformação” de Domenico Uhg Hur; e o artigo “O movimento guerrilheiro contra a ditadura militar brasileira: uma análise da dicotomia “urbano-rural”” de Fabricio Trevisan. No mais, como fonte também será utilizado o Decreto-Lei nº 314, de 13 de Março de 1967<sup>11</sup> e o Relatório da Comissão Nacional da Verdade: volume III – Mortos e desaparecidos políticos<sup>12</sup>. Desta forma, a partir de tal material pretendo lançar luz sobre este movimento histórico.

---

<sup>11</sup> BRASIL. (1967) Decreto-Lei nº 314, de 13 de Março de 1967. Diário Oficial da União: Seção 1 - 13/3/1967, Página 2993. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1960-1969/decreto-lei-314-13-marco-1967-366980-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 15 Abr. 2023.

<sup>12</sup> BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. **Mortos e desaparecidos políticos / Comissão Nacional da Verdade**. Brasília: CNV, 2014.

Isto posto, com a finalidade de abordar os aspectos da guerrilha mencionados anteriormente, o presente trabalho será dividido em dois capítulos. No primeiro capítulo, este estudo explorará o discurso de Marighella presente no “Manual do guerrilheiro urbano” com o propósito de entender como ele define um guerrilheiro naquele contexto e como ele aborda a ditadura civil-militar. Já, no segundo capítulo, este trabalho tem como intuito verificar como as pessoas eram instigadas pelo discurso de Marighella a participarem do movimento revolucionário, da mesma maneira que pretende assimilar a forma na qual os guerrilheiros urbanos se organizavam e agiam.

À vista disso, é fundamental evidenciar que este trabalho não consiste em uma análise da guerrilha urbana propriamente dita, mas em um estudo do discurso de Marighella sobre a guerrilha, o guerrilheiro e suas características. Desse jeito, esta pesquisa tem em vista interpretar a perspectiva de Marighella no que diz respeito à ditadura civil-militar brasileira e assim buscar compreender as razões que lhe fizera acreditar que era valoroso a formação de uma resistência armada perante aquele cenário conturbado de restrição às liberdades.

Afinal, mas não menos importante, convém discutir o legado de Marighella e de seu livro “*O Manual do Guerrilheiro Urbano*” na atualidade. É certo que inúmeros movimentos de resistência têm-se deflagrado contemporaneamente na sociedade por diversos motivos, assim sendo, tendo em vista os movimentos operacionalizados pela esquerda, cabe investigar e refletir sobre o grau de influência que a memória social acerca do movimento de Marighella tem ou pode ter sob a deflagração e organização de novas mobilizações guerrilheiras.

**Figura I:** Carlos Marighella



Fonte: Memorial da resistência de São Paulo, [s.d.].

## CAPÍTULO I – MARIGHELLA E SUA VISÃO DE MUNDO

### 1.1 O QUE É UM GUERRILHEIRO?

Antes de tudo é crucial entender quem foi Marighella, personagem histórico, tão emblemático e marcante da história da guerrilha urbana brasileira. Em consonância com o Memorial da resistência de São Paulo, Marighella nasceu em 5 de Dezembro de 1911, em Salvador, na Bahia. Ele foi o fundador e dirigente nacional da Ação Libertadora Nacional (ALN), do mesmo modo que é considerado o principal líder da luta armada brasileira contra a ditadura civil-militar<sup>13</sup>.

Aos 18 anos de idade Marighella ingressou na Escola politécnica da Bahia para cursar Engenharia, neste momento, começou a militar pelo (PCB) Partido Comunista Brasileiro. Aos 26 anos de idade tornou-se membro do Comitê Estadual de São Paulo. Em 1946, devido a seu prestígio e liderança política, foi eleito deputado da assembleia constituinte, não obstante, em 1948, com o fim da legalidade democrática e da liberdade partidária, ocorreu uma votação na qual se aprovou a cassação dos mandatos dos deputados eleitos pelo PCB. Marighella também foi cassado, e em função disso o político novamente caiu na clandestinidade. Em 1952 Marighella passou a integrar a Comissão Executiva do Comitê Central do PCB e, por conseguinte, no ano posterior foi enviado à China. Ali ele estudou a experiência da Revolução Chinesa por mais de um ano<sup>14</sup>.

Em 1962, pouco tempo depois da renúncia de Jânio Quadros da presidência da República, iniciara-se o distanciamento de Marighella da ortodoxia do PCB. Em 1967, ele foi expulso do PCB por ter participado da 1ª Conferência da Organização Latino-Americana de Solidariedade (OLAS)<sup>15</sup>, ao lado de líderes, como, Ernesto Che Guevara – o partido alegou que Marighella necessitava de sua autorização para participar de tal conferência, coisa que ele recusou<sup>16</sup>. Conforme Chiavenato, a resposta de Marighella ao PCB revela como determinada militância combativa julgava a postura do partido<sup>17</sup>. Logo, o revolucionário disse

<sup>13</sup> Carlos Marighella. **Memorial da Resistência de São Paulo**, [s.d.]. Disponível em: <http://memorialdaresistencia.org.br/pessoas/carlos-marighella/>. Acesso em: 28 Abr. 2023.

<sup>14</sup> Carlos Marighella. **Memorial da Resistência de São Paulo**, [s.d.]. Disponível em: <http://memorialdaresistencia.org.br/pessoas/carlos-marighella/>. Acesso em: 28 Abr. 2023.

<sup>15</sup> A OLAS foi uma organização criada por Salvador Allende no ano de 1967, em Cuba. Nesta, eram compartilhadas entre os muitos movimentos revolucionários as estratégicas proposições da Revolução Cubana.

<sup>16</sup> Carlos Marighella. **Memorial da Resistência de São Paulo**, [s.d.]. Disponível em: <http://memorialdaresistencia.org.br/pessoas/carlos-marighella/>. Acesso em: 28 Abr. 2023.

<sup>17</sup> CHIAVENATO, Júlio José. *Op. Cit.*, p. 173.

Uma direção pesada como é, com pouca ou nenhuma mobilidade, corroída pela ideologia burguesa, nada pode fazer pela revolução. Eu não posso continuar pertencendo a esta espécie de Academia de Letras, cuja única função consiste em se reunir. (...) Em minha condição de comunista, à qual jamais renunciarei, que não pode ser dada nem retirada pelo Comitê Central, pois o Partido Comunista e o marxismo-leninismo não têm donos e não são monopólios de ninguém, prosseguirei pelo caminho da luta armada, reafirmando minha atitude revolucionária e rompendo definitivamente com vocês<sup>18</sup>.

Diante disso, Marighella fundou em Julho de 1968 a Ação Libertadora Nacional (ALN), a qual sob seu comando e de Joaquim Câmara Ferreira tornou-se uma das principais organizações da guerrilha urbana no Brasil, assim, realizando várias ações contra o regime ditatorial. Marighella morreu no dia 4 de Novembro de 1969 – assassinado pelo DOPS/SP. A esta altura ele já era considerado o inimigo número um da ditadura civil-militar. De resto, é significativo enfatizar que Marighella foi preso quatro vezes ao longo de sua vida – as prisões ocorreram em 1932, 1936, 1939 e 1964 – por motivos diversos<sup>19</sup>.

Mas afinal quais eram as razões que influenciaram o surgimento da luta revolucionária de esquerda no Brasil? Segundo Marighella, a guerra revolucionária brasileira é fruto da crônica crise estrutural que o Brasil passava no período da ditadura civil-militar e, portanto, de sua instabilidade política. O autor ressalta que a guerra revolucionária se manifestava das seguintes formas: guerra guerrilheira urbana, guerra psicológica ou guerra guerrilheira rural<sup>20</sup>. Entretanto, é importante salientar que este trabalho enfocará na guerrilha urbana. De acordo com Chiavenato, a ALN se destacou no cenário guerrilheiro urbano do Brasil, todavia, este não foi o único grupo guerrilheiro a realizar operações de combate nas cidades ou a tentar determinar uma teoria sobre a luta armada<sup>21</sup>.

Destarte, neste instante, este trabalho apresentará a concepção de discurso de Foucault, noção sob a qual será analisado o discurso de Marighella presente em seu livro “*Manual do Guerrilheiro Urbano*”. Então, consoante Foucault<sup>22</sup>, em todas as sociedades os discursos são produzidos com determinada finalidade – nunca são imparciais, em outras palavras, o autor pontua que estes são controlados, selecionados, organizados e distribuídos por determinado

<sup>18</sup> MARIGHELLA, Carlos apud CHIAVENATO, Júlio José. *Op. Cit.*, p. 173.

<sup>19</sup> Carlos Marighella. **Memorial da Resistência de São Paulo**, [s.d.]. Disponível em: <http://memorialdaresistencia.org.br/pessoas/carlos-marighella/>. Acesso em: 28 Abr. 2023.

<sup>20</sup> MARIGHELLA, Carlos. *Op. Cit.*, p. 4.

<sup>21</sup> CHIAVENATO, Júlio José. *Op. Cit.*, p. 173 - 174.

<sup>22</sup> FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de Dezembro de 1970*. Tradução de Edmundo Cordeiro e António Bento. Ciberfil, 2002. Disponível em: [https://cienciaslinguagem.eca.usp.br/Foucault\\_OrdemDoDiscurso.pdf](https://cienciaslinguagem.eca.usp.br/Foucault_OrdemDoDiscurso.pdf). Acesso em 25 Abr. 2023.

número de procedimentos. De mais a mais, Foucault argumenta que existem três grandes sistemas de exclusão que acometem o discurso, sendo eles: a palavra censurada, a partilha da loucura e o anseio de verdade. Tais procedimentos de delimitação e controle do discurso são elementos externos a este<sup>23</sup>.

Em consonância com o autor, no que diz respeito aos procedimentos internos do discurso, este pode ser dividido em duas dimensões: a do acontecimento e do acaso. Deste jeito, existem dois tipos de discursos: os que “se dizem” e aqueles que “são ditos”. Os discursos que “se dizem” são aqueles falados pelas pessoas cotidianamente e os discursos que “são ditos” são aqueles que são falados, ficam ditos e ainda estão por proferir – os discursos literários, científicos, religiosos ou jurídicos<sup>24</sup>.

Aliás, o autor destaca que ao longo da história os discursos apresentaram conotações diferentes em função da vontade de saber da população, ou melhor, eram interpretados e pensados de acordo com as influências do período e da sociedade em questão, dessa forma, na Antiguidade clássica, por exemplo, os discursos valorizados eram os discursos considerados “verdadeiros”, portanto, aqueles proferidos por quem tinha direito e que falavam sobre justiça, contudo, um século depois isto mudou<sup>25</sup>. Assim sendo, Foucault aduz

[...] Ora, um século mais tarde, a maior das verdades já não estava naquilo que o discurso era ou naquilo que fazia, mas sim naquilo que o discurso dizia: chegou porém o dia em que a verdade se deslocou do acto ritualizado de enunciação, eficaz e justo, para o próprio enunciado: para o seu sentido, a sua forma, o seu objecto, a sua relação à referência<sup>26</sup>.

Outro elemento abordado no livro do autor que é muito relevante diz respeito à importância do agente do discurso, o qual é quem define as diretrizes do que será falado – o conteúdo, a forma, etc. No entanto, Foucault argui que para discutir um novo objeto convocasse “novos instrumentos conceituais e novos fundamentos teóricos”, os quais, por seu turno, causam certo estranhamento às pessoas devido ao fato de não estarem em harmonia com as regras que formam os objetos e conceitos daquela época, ou seja, porque o discurso não está dentro daquilo que é considerado “verdadeiro” naquele momento. O biólogo Gregor Mendel,

---

<sup>23</sup> FOUCAULT, Michel. *Op. Cit.*, p. 5.

<sup>24</sup> *Ibid.*, p. 5 - 6.

<sup>25</sup> *Ibid.*, p. 4.

<sup>26</sup> *Ibid.*, p. 4.

por exemplo, apesar de estar certo, não teve seu discurso validado, no século XIX, pelos biólogos e botânicos, por conta dos objetos, métodos e horizonte teórico que usava<sup>27</sup>.

Ademais, Foucault expõe que a produção do discurso é controlada pelo princípio da “disciplina”<sup>28</sup>, dentre a qual existem os rituais. Destarte, no que tange aos rituais, o autor diz

[...] O ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (e que, no jogo do diálogo, na interrogação, na recitação, devem ocupar determinada posição e formular determinado tipo de enunciados); define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias e todo o conjunto de sinais que devem acompanhar o discurso; o ritual fixa, por fim, a eficácia, suposta ou imposta, das palavras, o seu efeito sobre aqueles a quem elas se dirigem, os limites do seu valor constrangedor. Os discursos religiosos, jurídicos, terapêuticos, e em parte também os políticos, não são dissociáveis desse exercício de um ritual que determina para os sujeitos falantes, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis convenientes<sup>29</sup>.

Por fim, Foucault enuncia que os discursos seguem um princípio de “especificidade”, o qual revela que a realidade não é dissolvida num jogo de significações prévias do discurso, em outras palavras, o discurso não demonstra o que as coisas são, este consiste em uma imposição sobre elas. Nessa perspectiva, o autor coloca que “é necessário conceber o discurso como uma violência que fazemos às coisas, em todo o caso como uma prática que lhes impomos”. Logo, depreende-se que todos os discursos são doutrinários e que estes visam determinadas finalidades<sup>30</sup>.

Isto posto, agora, convém analisar o discurso de Marighella a respeito de sua definição do que é um guerrilheiro urbano. Conforme Marighella, o guerrilheiro urbano é um cidadão que luta contra uma ditadura civil-militar usando técnicas diferentes, métodos que destoam do convencional. O autor argumenta que o guerrilheiro urbano é um revolucionário político e uma pessoa que se orgulha demasiadamente de sua pátria, o qual luta pela libertação da sua nação e, portanto, é um amigo de seus conterrâneos e da liberdade. Marighella destaca que o local de atuação deste são as grandes cidades brasileiras<sup>31</sup>.

O autor ressalta que nas grandes cidades também operam muitos bandidos, conhecidos como delinquentes, bem como contrarrevolucionários direitistas, elementos estes que são

---

<sup>27</sup> FOUCAULT, Michel. *Op. Cit.*, p. 9.

<sup>28</sup> *Ibid.*, p. 9.

<sup>29</sup> *Ibid.*, p. 10.

<sup>30</sup> *Ibid.*, p. 14 - 15.

<sup>31</sup> MARIGHELLA, Carlos. *Op. Cit.*, p. 4.



prejudiciais à figura do guerrilheiro urbano. Enquanto os delinquentes beneficiam a si próprio por suas ações, como, por exemplo, os assaltos que cometiam, os quais eram praticados indiscriminadamente entre explorados e exploradores, os contrarrevolucionários direitistas criam tumultos, assassinam e sequestram pessoas, assaltam bancos e cometem as piores atrocidades possíveis com os guerrilheiros urbanos, os estudantes, os sacerdotes revolucionários e todos os cidadãos que são contrários ao fascismo e, por conseguinte, pretendem a liberdade<sup>32</sup>.

Não obstante, segundo Marighella, apesar de frequentemente os assaltos cometidos pelos delinquentes serem interpretados como ações dos guerrilheiros urbanos, estes se diferem radicalmente de tais. À vista disso, o autor coloca que o guerrilheiro urbano é um indivíduo que tem uma política e, conseqüentemente, seus ataques são direcionados ao governo, aos grandes capitalistas e aos imperialistas norte-americanos. Ademais, Marighella aduz que o guerrilheiro urbano é um inimigo implacável do governo, logo, infringe danos sistemáticos àqueles que exercem o poder, isto é, os homens e autoridades<sup>33</sup>.

De acordo com o autor, o principal trabalho do guerrilheiro urbano é distrair, cansar e desmoralizar a ditadura civil-militar, os militares, as forças repressivas e atacar e destruir o conjunto de bens dos norte-americanos, os gerentes estrangeiros e a classe alta brasileira. Marighella disserta que o guerrilheiro urbano não teme desmantelar o vigente sistema econômico, político e social brasileiro, já que seu propósito consiste em ajudar o guerrilheiro rural e contribuir para a criação de um novo sistema e uma estrutura revolucionária social e política, na qual os revolucionários armados deteriam o poder e, portanto, governariam<sup>34</sup>.

Outrossim, o autor ressalta que o guerrilheiro urbano precisa ter um mínimo de entendimento político, deste jeito, ele deve ler determinados trabalhos impressos ou mimeografados, como: Guerra de Guerrilha por Che Guevara; Memórias de um Terrorista; Algumas Perguntas dos Guerrilheiros Brasileiros; Sobre Problemas e princípios estratégicos; Certos Princípios Táticos para Camaradas Levando em Conta Operações de Guerrilha; Perguntas Organizacionais; O Guerrilheiro, Jornal dos Grupos Revolucionários Brasileiros; Qualidades Pessoais de um Guerrilheiro Urbano<sup>35</sup>.

Quanto às características do guerrilheiro urbano, Marighella alega que

---

<sup>32</sup> MARIGHELLA, Carlos. *Op. Cit.*, p. 4.

<sup>33</sup> *Ibid.*, p. 4.

<sup>34</sup> *Ibid.*, p. 4.

<sup>35</sup> *Ibid.*, p. 4 - 5.

O guerrilheiro urbano é caracterizado por sua valentia e sua natureza decisiva. Tem que ser bom taticamente e ser um líder hábil. O guerrilheiro urbano tem que ser uma pessoa preparada para compensar o fato de que não tem suficientes armas, munições e equipe<sup>36</sup>.

Consoante o autor, diferentemente dos militares de carreira ou da polícia governamental, o guerrilheiro urbano não dispõe de armas nem de transportes modernos, assim como leva uma vida clandestina – algumas vezes este é uma pessoa que foi sentenciada ou que está sob liberdade condicional, por isso é obrigado a utilizar documentos falsificados. No entanto, Marighella relata que o guerrilheiro urbano tem certa vantagem sobre a polícia ou sobre o exército convencional, quer dizer, enquanto a polícia e os militares atuam em benefício daqueles que os cidadãos odeiam, ou melhor, o inimigo, o guerrilheiro urbano defende a causa justa, em outras palavras, a causa do povo. No mais, o autor expõe que as armas do guerrilheiro urbano são inferiores às armas de seu inimigo, contudo, do ponto de vista moral este tem uma vantagem sobre eles. Sendo assim, tal superioridade moral seria a força que sustenta o guerrilheiro urbano, de modo que ele pode levar até o fim o seu trabalho principal, o qual é atacar e sobreviver<sup>37</sup>.

Além de tudo, Marighella diz que frente às dificuldades que o guerrilheiro urbano enfrenta, como a variedade de armas e a escassez de munição que possuem – isso devido à procedência das armas que têm, as quais ou foram tomadas do inimigo ou lhes chegaram às mãos de maneiras diferentes, tal qual a falta de um local onde ele possa treinar o tiro, este deve ser imaginativo e criativo a fim de superá-las. Qualidades estas que o autor julga fundamentais para que o guerrilheiro exerça seu papel como revolucionário<sup>38</sup>.

Ainda sobre as qualidades do guerrilheiro urbano, Marighella argumenta que este tem que ter iniciativa, mobilidade, flexibilidade, versatilidade e um comando para todos os tipos de situação. Em consonância com o autor, a iniciativa é uma qualidade primordial do guerrilheiro urbano, o qual não pode esperar por ordens e nem deixar se confundir. Logo, seu dever é o de atuar, de achar soluções adequadas para as adversidades que encontrar e não se retirar perante estas. Em suma, Marighella esclarece que é melhor cometer erros atuando do

---

<sup>36</sup> MARIGHELLA, Carlos. *Op. Cit.*, p. 5.

<sup>37</sup> *Ibid.*, p. 5.

<sup>38</sup> *Ibid.*, p. 5.

que não fazer nada por medo de errar, desse modo, sem a iniciativa não pode haver guerrilha urbana<sup>39</sup>.

De mais a mais, o autor arrazoa outras qualidades importantes que o guerrilheiro urbano deve ter, são elas as seguintes: ter resistência à fadiga, fome, chuva e calor; poder caminhar bastante; saber como se esconder e vigiar; manter-se calmo e tranquilo nas piores condições e circunstâncias; conquistar a arte de ter paciência ilimitada; e nunca deixar para trás pistas ou traços. Além disto, o autor argui que a guerrilha urbana, tal como a guerrilha rural, é uma promessa que o guerrilheiro faz a si próprio, desta maneira, quando este já não pode mais superar as dificuldades enfrentadas ou reconhece que não tem mais paciência para esperar, quer dizer, lhe faltam as qualidades necessárias para ser um guerrilheiro, então é melhor que ele entregue seu posto antes de trair sua promessa<sup>40</sup>.

Por último, Marighella versa sobre a percepção que a ditadura civil-militar tinha a respeito dos revolucionários e o que ele pensava disso<sup>41</sup>. Diante disso, o autor diz que

A acusação de “violência” ou “terrorismo” sem demora tem um significado negativo. Ele tem adquirido uma nova roupagem, uma nova cor. Ele não divide, ele não desacredita, pelo contrário, ele representa o centro da atração. Hoje, ser “violento” ou um “terrorista” é uma qualidade que enobrece qualquer pessoa honrada, porque é um ato digno de um revolucionário engajado na luta armada contra a vergonhosa ditadura civil-militar e suas atrocidades<sup>42</sup>.

Em face do exposto, levando em conta a concepção de Foucault acerca do discurso, é possível observar que o discurso de Marighella é uma narrativa muito poderosa e incitante. Em meio a um cenário caótico, repleto de crises, seu discurso nacionalista e ufanista que convocava por pessoas que desejavam por mudanças estruturais na sociedade, isto é, o fim da ditadura civil-militar e o estabelecimento de uma nova ordem política, mostrou-se um alento, uma alternativa evidente para muitos cidadãos que não conseguiam perceber outra saída para aquela situação que não fosse pegar em armas e ir à luta contra o regime. Outrossim, o discurso de Marighella também aborda questões éticas e morais, elementos estes que enobreciam as ações dos revolucionários, tal como instigava muitas pessoas a aderirem à causa revolucionária.

---

<sup>39</sup> MARIGHELLA, Carlos. *Op. Cit.*, p. 5 - 6.

<sup>40</sup> *Ibid.*, p. 6.

<sup>41</sup> *Ibid.*, p. 3.

<sup>42</sup> *Ibid.*, p. 3.

## 1.2 COMO CARACTERIZOU-SE A DITADURA CIVIL-MILITAR?

Posto isto, neste momento, este trabalho buscará evidenciar o discurso de Marighella acerca da ditadura civil-militar, em outras palavras, analisará a visão deste a respeito dos algozes que implementaram o golpe de Estado. Pois bem, conforme Marighella a ditadura é um governo corrupto e inepto, o qual deve ser atacado duramente pelo guerrilheiro urbano. Este, por sua vez, não pode hesitar em demonstrar que é contrário às ações do governo a fim de ganhar a simpatia das pessoas, ou seja, o guerrilheiro urbano deve se ater às causas populares para obter o apoio da população<sup>43</sup>.

Segundo o autor, a rebelião do guerrilheiro urbano e sua tenacidade na ingerência de questões políticas é a melhor opção para se assegurar o apoio popular em função da causa que defende, deste jeito, o êxito do guerrilheiro urbano é garantido quando parte razoável da população começa a levar as suas ações a sério. Elemento este que o autor julga fundamental para a desestabilização da ditadura civil-militar, pois o governo fica sem alternativas para enfrentar tal situação, a não ser intensificar a repressão e levar a cabo, rotineiramente, todas as atrocidades que cometiam, como, por exemplo, assassinar pessoas e mediante a polícia praticar o terror<sup>44</sup>.

De acordo com Chiavenato, a violência praticada pelo Estado diverge daquela praticada pelos guerrilheiros, quer dizer, enquanto o Estado institucionalizou e, conseqüentemente, levou a cabo um regime extremamente violento e brutal, o qual foi responsável por matar, sobretudo entre 1967 e 1974, centenas de pessoas, sob a alegação de que estes eram inimigos do Estado, o terrorismo praticado pelos revolucionários foi resultado do beco sem saída em que a ditadura civil-militar os colocou, foi uma resposta à sua clandestinidade. O autor argumenta que não se trata de afirmar que uma forma de violência era "boa" e a outra "ruim", mas de evidenciar que a natureza destas tinham origens e razões diferentes<sup>45</sup>.

Para mais, Chiavenato discorre que

A violência da esquerda era consequência das dificuldades da luta armada. Por exemplo, ao se matar um guarda bancário em um dos inúmeros assaltos praticados no período: a morte dos inocentes era um risco assumido, mas não desejado. As

---

<sup>43</sup> MARIGHELLA, Carlos. *Op. Cit.*, p. 57.

<sup>44</sup> *Ibid.*, p. 57.

<sup>45</sup> CHIAVENATO, Júlio José. *Op. Cit.*, p. 178 - 179.

forças do Estado, porém, torturavam e matavam como norma. Exemplos claros foram a Oban e, mais tarde, o Esquadrão da Morte, criado e liderado pelo delegado Sérgio Paranhos Fleury<sup>46</sup>.

Entretanto, o autor cita que os atos violentos praticados pelos guerrilheiros foram apresentados como prova da insanidade da esquerda. Tais ações foram condenadas pelos jornais e pela televisão, desse jeito, as forças repressoras julgaram a esquerda e a sociedade acatou as acusações. Em contrapartida, Chiavenato diz que as ações do referido Esquadrão da Morte foram protegidas por oficiais, juízes e políticos coniventes com a ditadura<sup>47</sup>. Enfim, o autor menciona que a esquerda não queria violência<sup>48</sup>.

Assim, ele refere que

Sem pretender mitificar ou desculpar o caráter violento das esquerdas, percebe-se facilmente (concordando ou não com a ótica marxista) que os guerrilheiros recorreram a uma violência revolucionária. E essa violência revolucionária nunca correspondeu a uma prática programada ou desejada – ao contrário, era uma contingência indesejável e desgastante para seus objetivos<sup>49</sup>.

Sendo assim, Marighella expõe que em frente a um cenário conturbado, no qual todas as forças armadas são mobilizadas para realizarem as funções cotidianas dos policiais com o intuito de encontrar alguma forma de deter as operações da guerrilha, do mesmo modo que acabar com a organização dos fragmentados grupos revolucionários que operam no país, tentativas estas que fracassam sistematicamente, os cidadãos passam a ver o governo como injusto, inábil para resolver problemas e violento com seus oponente, dessa maneira, passam a se recusar a contribuir com as autoridades<sup>50</sup>.

O autor argui que a situação política do país é transformada em uma situação militar, onde os militares apresentam-se cada vez mais como os responsáveis pela violência e pelos erros que afetam o meio social, simultaneamente a isto a vida das pessoas se faz verdadeiramente catastróficas. Desse modo, mediante tal situação, Marighella explica que quando menos se esperar a ditadura civil-militar e os militares já estarão à beira do abismo e,

---

<sup>46</sup> CHIAVENATO, Júlio José. *Op. Cit.*, p. 178 -179.

<sup>47</sup> *Ibid.*, p. 178 - 179.

<sup>48</sup> *Ibid.*, p. 179.

<sup>49</sup> *Ibid.*, p. 179 - 180.

<sup>50</sup> MARIGHELLA, Carlos. *Op. Cit.*, p. 57.

portanto, temendo a eclosão de uma guerra civil que se vislumbra no horizonte. Além do mais, o autor declara que os pacificadores que existem na classe governante e os oportunistas de ala direita se juntam e começam a pensar por detrás dos panos em soluções para o carrasco por em prática, como, por exemplo, eleições, reformas constitucionais, dentre outras bobagens, com o propósito de confundir as massas e assim fazer com que estes cessem a rebelião revolucionária nas cidades e nas áreas rurais da nação<sup>51</sup>.

Marighella esclarece que os cidadãos, observando os revolucionários, neste instante conseguiriam perceber que tais soluções tomadas pelo regime ditatorial para findar com a rebelião, como, por exemplo, as eleições, não passariam de farsas que teriam como única finalidade garantir o prosseguimento da ditadura civil-militar e acobertar os crimes praticados pelo Estado. Em vista disso, o autor argumenta que o guerrilheiro urbano deve se tornar mais agressivo e violento, desta forma, atacando de coração a falsa “solução política” adotada pelo governo, pois isto contestaria qualquer tentativa deste de enganar a sociedade<sup>52</sup>.

Finalmente, Marighella diz que o guerrilheiro urbano deve sempre continuar lutando, tendo em mente os interesses das pessoas e o desenrolar de uma situação desastrosa em que o governo tenha que atuar, assim, envolvido na ação revolucionária em prol do povo e, simultaneamente, buscando pelo engajamento destes na luta contra a ditadura civil-militar e da libertação do país. Consoante o autor, estas são as condições terríveis para a ditadura que possibilitarão que os revolucionários instaurem a guerrilha rural e, conseqüentemente, a desenvolvam no meio de uma incontrolável expansão da rebelião urbana<sup>53</sup>.

Ante o exposto, levando em consideração a concepção de Foucault acerca das especificidades do discurso, é possível perceber que o discurso de Marighella sobre o que era a ditadura civil-militar é bastante contundente no que diz respeito a apontar os excessos e desvios do governo, como, por exemplo, a repressão, a violência e o terror praticados pelo Estado – elementos estes que vislumbram o quão inepto e corruptível era a administração do regime instaurado pelos militares quando do golpe civil-militar. Aliás, é possível notar no discurso de Marighella um forte apelo à questão do guerrilheiro urbano ter de identificar-se com as causas populares com a intenção de ganhar o apoio das pessoas e, por conseguinte, mobiliza-las em prol da ação revolucionária, fator imprescindível para a concretização do

---

<sup>51</sup> MARIGHELLA, Carlos. *Op. Cit.*, p. 58.

<sup>52</sup> *Ibid.*, p. 58.

<sup>53</sup> *Ibid.*, p. 58.

principal objetivo do guerrilheiro urbano, quer dizer, a desestabilização da ditadura civil-militar, a tomada do poder e a criação de um governo revolucionário.

Já a partir da análise das entrelinhas do discurso de Marighella é possível observar que ele pretendia fazer uma revolução basicamente sem recurso nenhum e com um pequeno contingente de cidadãos que aderiram à causa revolucionária, os quais, por sua vez, deveriam conquistar o apoio da população como um todo. Seu discurso versa sobre a utopia de uma guerra, em que todos os equipamentos que o guerrilheiro urbano teria a sua disposição deveriam ser por ele expropriados nas operações que realizava. Nesta ocasião, as pessoas não teriam condições quase que nenhuma de irem à guerra contra o aparelho repressivo do Estado.

Além do que, Marighella idealizou a revolução brasileira fundamentado na teoria marxista-leninista utilizada por Cuba, China e Rússia para promover a revolução socialista em seus respectivos países, contudo, realizando as devidas adaptações ao contexto brasileiro. Enfim, a revolução proposta por Marighella no fim das contas parece pautar-se, na promessa que o guerrilheiro urbano fazia a si mesmo, ou seja, na promessa de que a revolução deveria ser feita a qualquer custo. Seu discurso incendiário instigava os cidadãos de espírito revolucionário a aderirem à luta armada em prol da causa que os guerrilheiros urbanos defendiam, a causa justa.

De fato, uma revolução econômica, política e social era necessária para colocar fim à ditadura civil-militar brasileira implementada pelos militares em 1964, a qual nos dizeres de Marighella foi um mal repudiável que assolou o Brasil – assassinatos, censura, tortura e perseguição de servidores públicos e opositores políticos foram apenas algumas das arbitrariedades e excessos cometidos pela ditadura. Nesse caso, não dá para simplesmente olhar para o passado e julgar as ações tomadas pelos muitos homens e mulheres que frente àquele cenário caótico resolveram pegar em armas contra o regime autoritário por não encontrarem outra alternativa por meio da qual poderiam mudar o terror que a sociedade vivenciara.

De resto, a análise do discurso de Marighella é significativa porque ela deixa transparecer um pouco do que era o cenário político brasileiro à época da ditadura, ou melhor, dar a entender que existia um medo muito grande por parte das forças repressivas do Estado do comunismo, deste jeito, todas as ações realizadas pelos clandestinos guerrilheiros urbanos eram tomadas como terrorismo pelo Estado ditatorial. Assim sendo, é possível constatar que naquela época a sociedade brasileira não presenciou apenas uma disputa física entre

guerrilheiros e militares, mas também uma disputa de narrativas, em que o objetivo final era conseguir a adesão popular, pois todos sabiam que nenhum regime se sustenta sem a legitimação dos cidadãos, da mesma forma que nenhuma revolução é feita sem pessoas.

## **CAPÍTULO II – O GUERRILHEIRO E A GUERRILHA: ATUAÇÃO E MEMÓRIA**

### **2.1 PREPARAÇÃO TÉCNICA DO GUERRILHEIRO URBANO**

Apresentado o discurso de Marighella no tocante à sua definição de guerrilheiro urbano e à sua visão a respeito da ditadura civil-militar, neste capítulo a pesquisa buscará evidenciar como os guerrilheiros preparavam-se tecnicamente e agiam. Como foi evidenciado no capítulo anterior, a retórica utilizada por Marighella foi um elemento fundamental quanto ao intento de se fazer com que as pessoas se opusessem ao regime, logo, em consonância com Marighella, nenhuma pessoa poderia tornar-se um guerrilheiro urbano sem particularmente atentar-se à preparação técnica. O autor relata que tal preparação técnica consiste na preparação física, na sapiência e no aprendizado de profissões e habilidades de todas as classes, sobretudo as habilidades realizadas manualmente<sup>54</sup>.

Marighella alega que o guerrilheiro deve treinar sistematicamente com o propósito de adquirir forte resistência física. O autor argui que para ser um bom soldado o guerrilheiro urbano deve estudar a arte da guerra em geral, ou melhor, ele deve aprender e, portanto, praticar diversos tipos de luta, de ataque e defesa pessoal. Além disso, Marighella menciona outras formas úteis de preparação física para o guerrilheiro urbano, as quais são: acampar, caçar, caminhadas, escalar montanhas, mergulhar, nadar, pescar, remar e treinar sobrevivência na selva<sup>55</sup>.

Conforme o autor, é muito importante que o guerrilheiro urbano aprenda a dirigir, a manejar pequenos botes, a pilotar aviões, assim como entender de mecânica, rádio, eletricidade, telefone e possuir algum conhecimento sobre técnicas eletrônicas. Além de tudo, Marighella justifica que é importante o guerrilheiro urbano ter conhecimentos de informação topográfica, deste modo podendo localizar posições por meio de instrumentos ou de outros recursos disponíveis, calcular distâncias, desenhar escalas, fazer mapas e planos, etc<sup>56</sup>.

---

<sup>54</sup> MARIGHELLA, Carlos. *Op. Cit.*, p. 9.

<sup>55</sup> *Ibid.*, p. 9.

<sup>56</sup> *Ibid.*, p. 9.



O autor expõe que o guerrilheiro urbano também tem que ter certo conhecimento de química e saber combinar cores, este ainda deve aprender a confeccionar selos, dominar a arte da caligrafia e de copiar letras em conjunto com outras habilidades, pois este precisa falsificar documentos para viver dentro de uma sociedade que intenciona destruir. Além disto, Marighella diz que na área da medicina auxiliar, o guerrilheiro urbano, tem o papel especial de ser doutor ou de entender de cirurgia elementar, drogas, enfermagem, farmacologia, medicina e primeiros socorros emergenciais<sup>57</sup>.

Segundo o autor, o manejo de armas é questão básica da preparação técnica do guerrilheiro urbano, este deve saber manusear metralhadoras, revólveres automáticos, FAL (fuzil automático leve), bazucas, carabinas, diferentes tipos de escopetas, morteiros, etc. Neste horizonte, Marighella profere que o guerrilheiro urbano deve ter o conhecimento de inúmeros tipos de munições, tal como de explosivos. O guerrilheiro deve ter conhecimentos prévios indispensáveis em relação ao uso de bombas incendiárias, bombas de fumaça e de outros tipos, todavia, a dinamite tem que ser bem compreendida<sup>58</sup>.

Por último, o autor ressalta que o guerrilheiro urbano deve aprender a fabricar armas, preparar bombas Molotov, artefatos destrutivos caseiros, granadas, minas, do mesmo modo que deve aprender como destruir pontes e trilhos de trem. Além do mais, Marighella discorre que o nível mais alto de preparação do guerrilheiro urbano é o centro para treinamento técnico, cujo qual somente os guerrilheiros que já passaram pelo exame preliminar – pela prova de fogo em ação revolucionária, em combate real contra o inimigo – podem atender as demandas e, por consequência, ascender a esta escola<sup>59</sup>.

Tais conhecimentos eram cruciais ao guerrilheiro urbano para que este pudesse realizar as ações e operações que lhes eram designadas. O sequestro do embaixador norte americano Charles Burke Elbrick, realizado por um comando conjunto entre a ALN e a Dissidência Comunista da Guanabara (DI-GB)<sup>60</sup>, no dia 4 de Setembro de 1969, por exemplo, elucida um dos momentos em que os guerrilheiros urbanos tiveram de utilizar alguns dos conhecimentos e habilidades que lhes são exigidos na fase de preparação técnica.

---

<sup>57</sup> MARIGHELLA, Carlos. *Op. Cit.*, p. 9.

<sup>58</sup> *Ibid.*, p. 9.

<sup>59</sup> *Ibid.*, p. 10.

<sup>60</sup> A dissidência comunista da Guanabara (DI-GB) consistiu em uma corporação política de extrema-esquerda formada por dissidentes do Partido Comunista Brasileiro (PCB), a qual existiu no Brasil durante a ditadura civil-militar.

No que se refere à logística do guerrilheiro urbano, o autor frisa que esta tem como objetivo ser o alicerce para as operações e táticas que este pretende realizar, às quais não têm nada em comum com a guerra convencional e que são orquestradas contra a ditadura civil-militar e a dominação norte-americana. Deste jeito, a logística para o guerrilheiro urbano que acabou de iniciar nesta causa e que a princípio não tem apoio se expressa pela fórmula MDAME – mecanização, dinheiro, armas, munições e explosivos –, diferentemente da logística convencional adotada pelo exército regular, a qual pode ser expressa pela fórmula CCEM – comida, combustível, equipamento e munições<sup>61</sup>.

Marighella arrazoa que a logística revolucionária tem a mecânica como uma de suas bases, contudo, também é necessário ter um bom motorista. Este é tão importante para a guerrilha urbana quanto o especialista em metralhadoras da guerrilha, sem ele as máquinas não trabalham. Quando não utilizados, os automóveis e metralhadoras, tornam-se objetos mortos. Ademais, o autor esclarece que um motorista experiente não se faz em um dia, assim seu aprendizado deve começar cedo. Todo guerrilheiro urbano tem que saber conduzir bem um veículo<sup>62</sup>.

De acordo com Marighella, a expropriação é o primeiro passo para o planejamento da logística do guerrilheiro urbano, a qual por si própria assume um caráter permanentemente móvel e armado. O autor justifica que o passo seguinte consiste em reforçar e estender a logística, sem embargo, esta depende das armadilhas e emboscadas em que o inimigo será surpreendido e, em consequência, terão suas armas, munições, veículos e outros recursos que designarem úteis, capturados<sup>63</sup>. Além do que, Marighella declara que

Uma vez que o guerrilheiro urbano tem as armas, munições, e explosivos, um dos problemas de logística mais sérios que terá em qualquer situação, é encontrar um lugar de esconderijo no qual deixar o material e conseguir os meios de transportá-lo e montá-lo onde é necessário. Isto tem que ser completado mesmo quando o inimigo estiver vigiando e tiver as estradas bloqueadas<sup>64</sup>.

O autor refere que os elementos básicos para as soluções do eterno problema que afligem a logística das forças revolucionárias são: o conhecimento que este tem sobre o

---

<sup>61</sup> MARIGHELLA, Carlos. *Op. Cit.*, p. 15.

<sup>62</sup> *Ibid.*, p. 15 - 16.

<sup>63</sup> *Ibid.*, p. 16.

<sup>64</sup> *Ibid.*, p. 16.

terreno, os aparelhos e instrumentos que utiliza ou que tem capacidade de utilizar e os guias exclusivamente preparados para esta missão<sup>65</sup>. De resto, Marighella coloca que a guerrilha caracteriza-se tecnicamente por ser uma técnica agressiva, de caráter ofensivo, por ser uma técnica de ataque e retirada com o fim de preservar suas forças e por ser uma técnica que busca o amadurecimento das guerrilhas urbanas, cuja função é distrair as forças inimigas, as desgastando e desmoralizando, permitindo desta maneira o amadurecimento e a sobrevivência da guerrilha rural, a qual destina-se a um papel crucial no processo revolucionário<sup>66</sup>. Em síntese, nota-se que a função da logística empreendida pelos guerrilheiros urbanos consistia em conseguir, através da expropriação, os equipamentos que lhes eram necessários para realizar a revolução, portanto, armas, munições, dinheiro e explosivos.

Entretanto, consoante Fabricio Trevisan, houve um conflito identitário que abalou fortemente os guerrilheiros urbanos, o qual caracterizou-se pelo antagonismo entre as teorias revolucionárias que pregavam a importância do desenvolvimento da guerrilha rural e as práticas armadas cidadinas operacionalizadas por organizações armadas clandestinas de esquerda. O autor argumenta que permeava no imaginário dos partícipes da luta armada, de maneira veemente, o anseio pelo processo revolucionário no campo em detrimento das atividades realizadas na cidade<sup>67</sup>.

Além de que, Trevisan demonstra que a ambição pela implantação da guerrilha rural desarticulou e desvirtuou o principal objetivo da luta armada que era a derrubada das Forças Armadas do Estado brasileiro, pois promoveu uma noção de temporariedade em relação às atividades promovidas nas urbes, como se estas não tivessem uma importância cumulativa no processo revolucionário. Desta maneira, consideravam as ações armadas nas cidades como uma fase de transição para a luta armada no campo, a qual teria por finalidade financiar a tão desejada guerrilha rural. Porém, o autor declara que tal anseio nunca se concretizou, sendo assim, a guerrilha urbana tornou-se o principal movimento armado de resistência, contudo, em função desta sede pela luta no campo, possivelmente, os guerrilheiros urbanos jamais tenham compreendido a relevância das práticas armadas cidadinas para a revolução socialista<sup>68</sup>. Nessa situação, é possível constatar que Marighella, no final das contas, fazia a guerrilha urbana para ter recursos com os quais desenvolveria uma guerrilha rural.

---

<sup>65</sup> MARIGHELLA, Carlos. *Op. Cit.*, p. 16.

<sup>66</sup> *Ibid.*, p. 18.

<sup>67</sup> TREVISAN, Fabricio. *O movimento guerrilheiro contra a ditadura militar brasileira: uma análise da dicotomia “urbano-rural”*. Caminhos da História, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 138–160, 2020.

<sup>68</sup> *Ibid.*, p. 159.

Diante do exposto, em consonância com a noção de Foucault acerca do poder que o discurso pode assumir na sociedade, é possível perceber que Marighella por meio de seu discurso contido no manual, instigou muitos cidadãos a aderirem à causa revolucionária e, conseqüentemente, lhes fez aperfeiçoar ou aprender diversas práticas necessárias ao guerrilheiro urbano. Sendo assim, devido às circunstâncias em que os guerrilheiros travaram a luta contra o Estado autoritário brasileiro, estes deviam possuir conhecimentos e habilidades que iam da mecânica à medicina, do mesmo modo que deviam preparar-se fisicamente e ter conhecimento sobre armas de fogo e explosivos.

## 2.2 AS AÇÕES REALIZADAS PELOS GUERRILHEIROS URBANOS E O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA SOBRE A GUERRILHA

Isto posto, nesta ocasião, este trabalho abordará a forma pela qual agiam os guerrilheiros urbanos. Conforme Marighella, o guerrilheiro urbano não escolhe de forma arbitrária um modelo ou outro de ação a ser realizada, dessa forma, pautado em sua técnica, este deve fazer ações de natureza diversificadas. O autor aduz que algumas operações são mais simples e outras mais complicadas, por isso o guerrilheiro sem experiência deve ser incorporado pouco a pouco em operações que vão das mais simples as mais complexas até que este se torne um guerrilheiro com experiência<sup>69</sup>.

Marighella profere que antes do guerrilheiro urbano realizar qualquer ação que seja este deve pensar no método que a operação tomará e no pessoal disponível para realiza-la, pois as ações que demandam a preparação técnica do guerrilheiro urbano não podem ser executadas por pessoas que careçam de destreza técnica. À vista disso, o autor apresenta que tomadas tais precauções, os modos de ação que o guerrilheiro pode exercer são os seguintes: assaltos; invasões; ocupações; emboscadas; táticas de rua; greves e interrupções de trabalho; deserções, desvios, tomas, expropriações de armas, munições e explosivos; libertação de prisioneiros; execuções; sequestros; sabotagem; terrorismo; propaganda armada; e guerra de nervos<sup>70</sup>. Sem embargo, será que era possível que as pessoas soubessem realizar todas estas ações? Até pode ser que sim, porém os militantes não aprenderiam tudo isso do dia para a noite, tal processo demandaria tempo, algo que o guerrilheiro urbano não tinha.

---

<sup>69</sup> MARIGHELLA, Carlos. *Op. Cit.*, p. 29.

<sup>70</sup> *Ibid.*, p. 29.

Destarte, segundo Marighella, a dinâmica das guerrilhas urbanas consiste nos choques violentos entre os guerrilheiros e os militares da ditadura civil-militar. Nestes enfrentamentos, o guerrilheiro urbano tem forças inferiores aos policiais, os quais têm uma superioridade muito maior. Contraditoriamente, apesar de ser mais fraco, o guerrilheiro urbano é sempre aquele quem ataca. O autor cita que em resposta a tais ataques, as forças militares e policiais mobilizam e concentram tropas bem superiores às forças guerrilheiras com a intenção de persegui-las e destruí-las<sup>71</sup>. É relevante enfatizar que a tática dos guerrilheiros urbanos consiste em atacar e, em seguida, retirar-se rapidamente porque estes não têm contingente nem armamento suficiente para se defenderem de uma ofensiva por parte do aparato repressivo.

Neste sentido, Marighella diz que o guerrilheiro urbano só pode evitar a derrota se este contar com as vantagens iniciais que a guerrilha urbana implica, às quais lhe confere a chance de compensar a falta de material e as demais vulnerabilidades que possui. Neste sentido, o autor menciona que as vantagens iniciais da guerrilha urbana são: o ataque surpresa ao inimigo, o conhecimento do terreno, a necessidade de uma maior mobilidade e velocidade do que a força repressora, um serviço de informação e a capacidade de estar no comando da situação pronto para decisões<sup>72</sup>. De certo modo, parece que o patriótico discurso de Marighella transforma as pessoas em super humanos, todavia, apesar destas vantagens iniciais, não aparenta ser possível que os guerrilheiros urbanos derrotem o aparato repressivo do Estado.

Muito se falou até aqui sobre a preparação técnica do guerrilheiro urbano e sobre a forma que agiam, mas, ao fim e ao cabo, quem eram estes guerrilheiros? De acordo com Trevisan, a maioria das pessoas que contribuíram para o movimento armado eram oriundas das cidades<sup>73</sup>, sendo os trabalhadores e os estudantes universitários parcela significativa destes<sup>74</sup>. Marighella, por sua vez, argui que os homens e mulheres escolhidos para a guerra de guerrilha urbana foram os trabalhadores, camponeses, estudantes, intelectuais e sacerdotes. O autor explica que é por meio da aliança armada entre estes que se construiu a guerrilha urbana<sup>75</sup>.

---

<sup>71</sup> MARIGHELLA, Carlos. *Op. Cit.*, p. 19.

<sup>72</sup> *Ibid.*, p. 19.

<sup>73</sup> TREVISAN, Fabricio. *Op. Cit.*, p. 139.

<sup>74</sup> BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. **Mortos e desaparecidos políticos / Comissão Nacional da Verdade**. Brasília: CNV, 2014.

<sup>75</sup> MARIGHELLA, Carlos. *Op. Cit.*, p. 59.

Marighella ainda pontua a importância de cada um destes setores da população para o movimento revolucionário. Consoante o autor, os trabalhadores têm significativo conhecimento acerca das indústrias e participam da luta armada construindo armas, participando em ações que envolvem armas de mão, sabotando e treinando sabotadores e dinamiteiros, bem como organizando greves ou paradas parciais com a violência característica das fábricas. Ele é o que melhor executa os trabalhos revolucionários citadinos<sup>76</sup>.

Em consonância com Marighella, o camponês tem uma relevante intuição de conhecimento sob a terra, juízo no embate contra o inimigo e o dom de comunicar-se com as massas humildes. Este já está participando da luta revolucionária e é aquele quem chega ao cerne da guerrilha, de mais a mais, lhe é atribuído diversas ações, como, estabelecer pontos de apoio nas áreas rurais e criar um sistema de informação, escolher os pontos de transporte, lugares para criação de gado e demais fontes de suprimento de carne, organiza a colheita de grãos, treinam os guias que ensinam ao guerrilheiro urbano as estradas e encontra lugares para esconder pessoas, armas, etc<sup>77</sup>. Aqui, é perceptível que há uma grande diferença entre as ações realizadas pelos trabalhadores e pelos camponeses – o camponês pelo que se pode ver não pega em armas. Isto, talvez, ocorra devido ao fato de o camponês ser considerado mais “rude”, ou melhor, menos letrado nas coisas da cidade.

No que concerne aos estudantes, o autor alega que estes se destacam no processo revolucionário por serem politicamente cruéis e rudes. Estes ensinam a todos um talento especial para violência revolucionária, da mesma forma que adquirem um alto nível de destreza político-técnica-militar. Conforme Marighella, os estudantes dispõem de bastante tempo livre para dedicarem a revolução, pois estes são escrupulosamente suspensos ou expulsos da escola pela ditadura civil-militar<sup>78</sup> – o estudante Honestino Monteiro Guimarães, por exemplo, foi expulso da UnB, em 1968.

Em relação aos intelectuais, o autor relata que estes são a vanguarda da resistência às arbitrariedades e injustiças cometidas pelo Estado ditatorial brasileiro. Eles também têm grande influência para com a população, dessa maneira, expandem o apelo revolucionário. Quanto aos homens da igreja, sacerdotes e ministros, das mais variadas hierarquias e denominações, Marighella alega que estes representam um elemento primordial e poderoso

---

<sup>76</sup> MARIGHELLA, Carlos. *Op. Cit.*, p. 59 - 60.

<sup>77</sup> *Ibid.*, p. 60.

<sup>78</sup> *Ibid.*, p. 60.

contra a ditadura e o imperialismo norte-americano, pois possuem uma habilidade especial para falar com o povo, sobretudo com os camponeses, as mulheres e os trabalhadores<sup>79</sup>.

É interessante notar que tanto os intelectuais quanto os sacerdotes são elementos importantes para a guerrilha urbana por conta do poder que seus discursos assumem perante a sociedade – os intelectuais, por um lado, possuem uma fala elegante que atrai as pessoas, do mesmo modo que têm propriedade para falar de determinados assuntos, os sacerdotes, por outro lado, possuem o dogma a seu favor, tais características são fundamentais para conferir legitimidade a seus discursos e, por consequência, para conquistar adeptos.

A respeito das mulheres, o autor declara que estas tiveram uma participação diferenciada dos demais grupos na guerra revolucionária, em especial na guerrilha urbana. Estas destacaram-se na luta armada em função do seu espírito lutador e de sua tenacidade sem limites, tanto é que Marighella justifica que não foi somente por algum infortúnio que muitas mulheres foram presas e que muitas outras foram acusadas de terem participado de ações de guerrilha contra bancos, contra centros militares, etc<sup>80</sup>. Por fim, o autor esclarece que

[...] Como uma escola para escolher o guerrilheiro, a guerra de guerrilha urbana prepara e coloca ao mesmo nível de responsabilidade e eficiência a homens e mulheres que compartilham os mesmos perigos de lutar, buscar suprimentos, servir como mensageiros ou corretores, ou motoristas, ou navegantes, ou pilotos de aviões, obtendo informação secreta, e ajudando com a propaganda ou o trabalho de doutrinação<sup>81</sup>.

Aqui, cabe ressaltar que o discurso de Marighella prega a existência da igualdade de gênero dentro da guerrilha urbana, contudo, na prática tal igualdade não existiu, quer dizer, os homens pegavam em armas e as mulheres destinavam-se a organização das ações e operações que a guerrilha empreendia – algumas mulheres até chegaram a pegar em armas e foram para frente de batalha, porém isto não era a regra. De qualquer maneira, é certo que o espírito revolucionário e a indignação frente à repressão e as muitas desigualdades que assolavam a sociedade brasileira, durante a ditadura, alcançaram tanto os homens quanto as mulheres.

Em vista disso, segundo a conceituação de discurso de Foucault, é possível constatar que o guerrilheiro urbano lançava mão de diversos métodos de ação em sua busca para

---

<sup>79</sup> MARIGHELLA, Carlos. *Op. Cit.*, p. 60.

<sup>80</sup> *Ibid.*, p. 60.

<sup>81</sup> *Ibid.*, p. 60.

derrubar o governo ditatorial brasileiro. Além de tudo, pode-se notar que a princípio a guerrilha urbana contou com a participação de pessoas provenientes de diferentes grupos sociais, às quais, de acordo com Marighella, deveriam atender a duas qualidades básicas e indispensáveis para serem consideradas guerrilheiros urbanos – ter motivação político-revolucionária e preparação técnica-revolucionária<sup>82</sup>.

Posto isto, consoante Denise Rollemberg<sup>83</sup>, apesar de toda a organização empreendida em prol do movimento revolucionário, os guerrilheiros foram derrotados pelas forças armadas e policiais (todas as organizações guerrilheiras foram vencidas, inclusive a ALN fundada por Marighella). Todavia, no que diz respeito à causa da derrota, não há um consenso do motivo que levou a tal, logo, é interessante abordar a visão de três autores que são referências no estudo sobre o movimento guerrilheiro brasileiro: Jacob Gorender, Daniel Aarão Reis Filho e Marcelo Ridenti.

Para Jacob Gorender<sup>84</sup>, os guerrilheiros foram derrotados por não terem travado a luta armada em Março/Abril de 1964 contra o golpe civil-militar direitista, a qual só começou a ser realizada pela esquerda em 1965 e só começou a ser desfechada de vez em 1968 – momento em que os perpetradores do golpe já tinham amplo domínio do poder do Estado, dispunham do apoio das forças armadas e haviam acabado com os principais movimentos de massa. Dessa forma, a esquerda radical teve de recorrer a uma violência incondicionada, percebida na época em questão como foquismo – teoria adotada por grupos armados de esquerda, em 1960, a qual consistia basicamente em criar focos revolucionários no mundo com o objetivo de combater o imperialismo – e terrorismo, pois encontrava-se em condições desfavoráveis, quer dizer, mais e mais distante do campesinato, da classe operária e das camadas médias urbanas. Além disto, o autor relata que

A esquerda brasileira de inspiração marxista só não pegou em armas quando as condições históricas determinavam que o fizesse. Nos começos de 1964, avançava impetuosamente o maior movimento de massas da história nacional e o país já se achava no redemoinho de uma crise institucional. As diversas correntes da esquerda, marxista e não-marxista, souberam tomar a frente do movimento de massas, formular suas reivindicações e fazê-lo crescer. Cometeram erros variados no processo, mas o erro fundamental consistiu em não se prepararem a si mesmas, nem aos movimentos de massa organizados, para o combate armado contra o bloco de

---

<sup>82</sup> MARIGHELLA, Carlos. *Op. Cit.*, p. 59.

<sup>83</sup> ROLLEMBERG, Denise. Esquerdas revolucionárias e luta armada. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucila de Almeida Neves (Org.). *O Brasil Republicano, vol. 4. O tempo da Ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.p.(45)-(91).

<sup>84</sup> GORENDER, Jacob. *Combate nas Trevas*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987.



forças conservadoras e pró-imperialistas. Este bloco de forças sociais de há muito visava ao golpe de Estado e o articulou de maneira planejada<sup>85</sup>.

Daniel Aarão Reis Filho<sup>86</sup>, por sua vez, identifica a causa da derrota dos guerrilheiros no descompasso existente entre as propostas destes e os movimentos sociais. Em consonância com o autor, as ações armadas não puderam constituir-se em expressão política dos movimentos ou lutas engendradas pela sociedade, esta, portanto, seria a causa de os guerrilheiros terem sido massacrados tão sumariamente nas requintadas salas de tortura das forças armadas. Assim sendo, o autor explica que

A revolução brasileira e a guerra revolucionária eram “pequenos motores”, rodando pateticamente no vazio... Ao contrário do que imaginava Che Guevara, o “pequeno motor” (a vanguarda), embora em movimento, não conseguiu fazer rodar o “grande motor” (a revolução social)<sup>87</sup>.

Já Marcelo Ridenti<sup>88</sup> aduz que o motivo da derrota dos guerrilheiros estaria no declínio de um projeto de revolução para transformar a sociedade brasileira, por meio da ação de grupos de vanguarda, não ter conseguido representar politicamente a classe trabalhadora. Além de tudo, o autor refere que a derrota da luta armada deixou a herança de um fantasma que perdura, até na atualidade, como obsessão, na mente das esquerdas brasileiras – o fantasma da revolução brasileira<sup>89</sup>.

Afinal, convém buscar entender como é construída a memória acerca da luta armada brasileira quando da ditadura. Conforme Domenico Uhng Hur<sup>90</sup>, as memórias sobre a guerrilha estabelecem-se por intermédio de um processo de construção e transformação desta e não pela simples restituição. Deste modo, o autor declara que existem distintas versões sobre as memórias da ditadura civil-militar, o que é facilmente perceptível na literatura e nos relatos de pessoas que participaram da guerrilha e de ex-militares.

---

<sup>85</sup> GORENDER, Jacob. *Op. Cit.*, p. 250.

<sup>86</sup> REIS FILHO, Daniel Aarão. *A Revolução faltou ao encontro: os comunistas no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, CNPq, 1990.

<sup>87</sup> *Ibid.*, p. 186.

<sup>88</sup> RIDENTI, Marcelo. *Op. Cit.*, p. 326.

<sup>89</sup> *Ibid.*, p. 17.

<sup>90</sup> HUR, Domenico Uhng. *Memórias da guerrilha: construção e transformação*. *Psicologia & Sociedade*, 25(2), p.311-320, 2013.

Nesta perspectiva, Hur expõe que a reconstrução das memórias do passado, presente nos discursos de ex-guerrilheiros e de antigos agentes da repressão, nunca serão a restituição idêntica do passado, mas sim a elaboração de versões pautadas no presente e em um futuro que se imagina. Desta forma, tais discursos a respeito da guerrilha são resultados de uma memória transformada e que está em constante produção, a qual implica na construção de uma história, tal como de práticas sociais. Além do mais, o autor profere que a plasticidade da memória faz com que a reconstrução do passado seja múltipla, assim impossibilitando a construção de um consenso único sobre o passado ou a produção de uma memória acordada entre as pessoas<sup>91</sup>.

Segundo Rollemberg, a memória sobre a luta armada fez-se e ainda é feita em meio a uma realidade, repleta de disputas, em que traz-se à tona as tensões do passado e do presente. Neste processo, a autora diz que a esquerda enfatiza o sentido de resistência frente ao golpe implantado pelos militares com o apoio do imperialismo norte-americano e pelo restabelecimento da democracia violada em 1964<sup>92</sup>.

Nesse sentido, Rollemberg demonstra que

[...] as esquerdas têm recuperado este passado – ou construído sua memória – a partir do princípio de que a sociedade foi submetida, no momento do golpe e ao longo da ditadura, à força da repressão: as perseguições aos movimentos sociais, às instituições políticas e sindicais e às lideranças e aos militantes; os atos institucionais, a censura, os órgãos de informação, a prisão política, a tortura, os assassinatos, o exílio, o medo. Diante da arbitrariedade, a sociedade resistiu. O fim do regime fora resultado da luta dos movimentos sociais, desejosos de restaurar a democracia. A sociedade repudiava, enfim, os valores autoritários dos militares<sup>93</sup>.

Não obstante, Rollemberg questiona tal memória, dizendo que a sociedade pouco ou quase nada resistiu, além do que, a autora argumenta que a luta das esquerdas revolucionárias não visava restaurar a realidade anterior a 1964, mas sim construir um futuro radicalmente novo em que o sentido da democracia era outro<sup>94</sup>. Em vista disso, cabe questionar em que consiste a memória?

---

<sup>91</sup> HUR, Domenico Uhng. *Op. Cit.*, p. 319.

<sup>92</sup> ROLLEMBERG, Denise. *Op. Cit.*, p. 46.

<sup>93</sup> *Ibid.*, p. 47.

<sup>94</sup> *Ibid.*, p. 48.

De acordo com Jô Gondar<sup>95</sup>, existem diversos autores que discutem a separação e a oposição entre as noções de memória individual, memória coletiva e memória social. Alguns alegam que existem diferenças e, por isso, buscam separar e opor estas, enquanto outros percebem que há um imbricamento entre tais noções de memória. Para além de qualquer oposição entre individual e coletivo, a autora advoga para a valorização da ideia de memória enquanto relação. Assim Sendo, Gondar coloca que

Pensar a memória como relação abre a possibilidade de que a partir de uma nova situação ou um novo encontro – como pretende ser a situação analítica, por exemplo – o passado possa ser tanto recordado quanto reinventado. Desse modo, a história de um sujeito, individual ou coletiva, pode ser a história dos diferentes sentidos que emergem em suas relações. Ou, de outro modo: abre-se a possibilidade de que a memória, ao invés de ser recuperada ou resgatada, possa ser criada e recriada, a partir dos novos sentidos que a todo tempo se produzem tanto para os sujeitos individuais quanto para os coletivos – já que todos eles são sujeitos sociais. A polissemia da memória, que poderia ser seu ponto falho, é justamente a sua riqueza<sup>96</sup>.

Nesse caso, consoante Rollemberg, Hur e Gondar, é possível constatar que a memória é um elemento fundamental na vida das pessoas, pois estas buscam nela o respaldo para muitas das coisas que realizarão no presente. Logo, este trabalho indaga-se quanto ao grau de influência que líderes da luta revolucionária, como, por exemplo, Carlos Marighella, Che Guevara e Fidel Castro podem assumir perante novas ondas revolucionárias de cunho esquerdista na atualidade? Seria a memória a responsável por tornar vivo o fantasma da revolução brasileira mencionado por Ridenti? Pois bem, o fato é que as memórias das ações e dos discursos destes líderes revolucionários, ainda hoje, repercutem fortemente na sociedade brasileira, sobretudo sobre determinados partidos de esquerda, como, por exemplo, o Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados (PSTU), o Partido Comunista Brasileiro (PCB) e o Partido da Causa Operária (PCO). Hoje, tal repercussão se dá através de filmes e documentários, isto sem falar que Marighella e os guerrilheiros urbanos também repercutiram na Comissão Nacional da Verdade, quando o Estado brasileiro os colocou como pessoas que lutaram contra a ditadura. Assim sendo, é importante destacar que partidos políticos, como, o PSTU, o PCB e o PCO ainda os colocam como referências da luta pelo socialismo e a favor da democracia.

---

<sup>95</sup> GONDAR, J. Memória individual, memória coletiva, memória social. **Revista Morpheus - Estudos Interdisciplinares em Memória Social**, [S. l.], v. 7, n. 13, 2015.

<sup>96</sup> *Ibid.*, p. 5.

Afinal, é certo que a ideia de uma revolução arrebatadora que transformaria o status quo como um todo permeou o imaginário popular das esquerdas durante a ditadura civil-militar, assim contribuindo para o florescimento da guerrilha urbana. Contudo, mesmo após a derrota desta tão sonhada revolução que colocaria um fim à ditadura e às desigualdades sociais geradas pelo capitalismo, essas figuras foram revalorizadas, por exemplo, pela Comissão Nacional da Verdade, bem como foram feitos filmes e documentários sobre elas, mas a revolução que eles queriam estava longe de acontecer. Seja como for, o fato é que certos partidos políticos de esquerda, como, o PSTU, o PCB e o PCO possuem discursos radicais por intermédio dos quais defendem o lema socialista em nome de um país mais igualitário e democrático.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Feita todas estas ponderações acerca da emergência da guerrilha urbana brasileira quando da ditadura civil-militar, pode-se concluir que o discurso de Marighella presente em seu livro "*Manual do guerrilheiro urbano*" é muito representativo, pois ele traz diversas orientações técnicas que visam a formação e preparação de guerrilheiros urbanos. Assim sendo, tendo como objetivo principal a derrubada do Estado ditatorial brasileiro e, por conseguinte, a formulação de um governo totalmente novo e revolucionário, a obra de Marighella, referenciada acima, visa o estabelecimento da luta guerrilheira urbana como uma fase de transição enquanto desenvolve-se a guerrilha rural<sup>97</sup>.

Ademais, é notório que o discurso de Marighella aborda diversos aspectos da luta armada esquerdista, como, por exemplo, a definição do que era um guerrilheiro urbano, a preparação técnica que estes deveriam receber, os métodos por meio dos quais os guerrilheiros agiam, os principais grupos que integraram a guerrilha urbana, sua perspectiva sobre a ditadura civil-militar, etc. Neste sentido, por meio do discurso de Marighella, é possível vislumbrar o cenário em que floresceu a guerrilha urbana e entender sua importância naquele contexto.

Em vista disso, em consonância com Marighella, o guerrilheiro urbano caracteriza-se como aquela pessoa que está disposta a pegar em armas para enfrentar as diversas arbitrariedades promovidas pela ditadura, pois não enxerga outra saída para a libertação de

---

<sup>97</sup> TREVISAN, Fabricio. *Op. Cit.*, p. 159.

sua pátria a não ser a luta armada, além disso, eles também lutam contra o imperialismo norte-americano, os gerentes estrangeiros e a alta classe brasileira. Considerando-se patriotas ardentes, os guerrilheiros urbanos atuam nas grandes cidades, defendem o que chamam a “causa justa”, isto é, “a causa do povo”, não obstante suas ações são interpretadas como “terrorismo” pelo sistema<sup>98</sup>.

Conforme Marighella, a ditadura civil-militar, por sua vez, traduziu-se por um regime extremamente repressivo e violento, durante o qual as forças militares e policiais levaram a cabo diversas ações que transgrediram não só a democracia ou a constituição brasileira, mas também a vida, ou seja, durante tal momento histórico muitas pessoas foram submetidas à tortura e até mesmo foram assassinadas. Além de tudo, a liberdade da qual os cidadãos tanto gozavam foi atingida por uma forte censura que envolveu diversos âmbitos de suas vidas, como, por exemplo, a liberdade de expressão, sendo que os jornais também foram alvo de censura nesta época<sup>99</sup>.

Nesta ocasião, segundo Marighella, um dos principais elementos da guerrilha consiste em conquistar o apoio populacional. Deste jeito, com o objetivo de desestabilizar a ditadura e conseguir a legitimidade de suas ações aos olhos das pessoas, o guerrilheiro urbano deve atacar o regime, pois, em contrapartida, o Estado ditatorial, por intermédio do recrudescimento repressivo utilizará as forças das quais dispõe – forças armadas e policiais – para ataquem do modo mais ferozmente possível os guerrilheiros. Tal ato fará com que as pessoas passem a ver com maus olhos a ditadura civil-militar e recusarem-se a colaborar com as autoridades e, conseqüentemente, passem a apoiar a causa defendida pelo guerrilheiro urbano e a sua luta<sup>100</sup>.

Além disto, de acordo com Marighella, a pessoa que aspirasse se tornar um guerrilheiro urbano deveria atentar-se à preparação técnica que este deveria assumir. Esta compreendia tanto a preparação física do cidadão, quer dizer, o seu condicionamento físico e o aprendizado de diferentes tipos de lutas, quanto o aprendizado de novos conhecimentos e habilidades que lhes fosse útil nas operações que realizara, como, por exemplo, conhecimentos de informação topográfica, conhecimentos de técnicas eletrônicas, saber dirigir diferentes tipos de transporte, conhecimento sobre medicina, química e combinação de cores. Entretanto, um conhecimento indispensável ao guerrilheiro urbano era o conhecimento

---

<sup>98</sup> MARIGHELLA, Carlos. *Op. Cit.*, p. 3 - 4.

<sup>99</sup> *Ibid.*, p. 57.

<sup>100</sup> *Ibid.*, p. 57.

sobre armas, explosivos e munições, isto implicava saber manejar e construir diferentes tipos de armamentos e explosivos<sup>101</sup>.

No mais, consoante Marighella, os grupos que compuseram as guerrilhas urbanas foram os trabalhadores, os camponeses, os estudantes, as mulheres, os intelectuais e os sacerdotes. Cada um destes grupos, dentro das suas especificidades, contribuiu para a luta revolucionária de uma forma ou de outra, não obstante, o que é importante evidenciar aqui é que foi por meio da aliança entre tais setores da sociedade que nasceu a guerrilha urbana, a qual tinha como finalidade distrair, cansar e desmoralizar a ditadura, os militares e as forças repressivas enquanto a guerrilha rural se desenvolvia<sup>102</sup>. Todavia, em consonância com Trevisan, apesar de a ideia do desenvolvimento de uma guerrilha rural existir como um desejo latente no imaginário dos guerrilheiros, isto não ocorreu e, por conseguinte, provocou um conflito identitário que abalou fortemente os guerrilheiros urbanos<sup>103</sup>. Perante o exposto, o autor afirma que a guerrilha urbana configurou-se como o principal movimento de resistência contra a ditadura civil-militar brasileira<sup>104</sup>. É crucial acentuar que a guerrilha rural não se desenvolveu da maneira como as organizações guerrilheiras previam, porém houve sim uma guerrilha rural – a denominada guerrilha do Araguaia organizada pelo PCdoB.

No que tange à questão da memória sobre a guerrilha brasileira, conforme Hur, pode-se concluir que existem inúmeras versões a respeito dela, quer dizer, tanto os guerrilheiros quanto os militares apresentam diferentes perspectivas sobre tal evento histórico, nas quais valorizam suas ações e demonizam o outro, no entanto, tal fato é conhecido como a teoria dos dois demônios e para a historiografia a versão dos militares é mentirosa. Logo, são duas construções de memória diferentes, que não se equivalem, visto que os militares negam atrocidades, e os guerrilheiros apresentam-se como defensores da democracia. Além do mais, segundo o autor, a memória sobre a guerrilha constitui-se a partir da construção e transformação do passado em função do presente, assim, tanto a mentirosa versão dos militares quanto a versão dos guerrilheiros derivam mais de um processo de resignificação do que propriamente de rememoração do que ao certo foi a guerrilha<sup>105</sup>.

Diante disso, de acordo com Gondar, se pensarmos a memória enquanto relação, abre-se a possibilidade de que o passado das coisas, neste caso específico o passado sobre a

---

<sup>101</sup> MARIGHELLA, Carlos. *Op. Cit.*, p. 9 - 10.

<sup>102</sup> *Ibid.*, p. 4.

<sup>103</sup> TREVISAN, Fabricio. *Op. Cit.*, p. 139.

<sup>104</sup> *Ibid.*, p. 159.

<sup>105</sup> HUR, Domenico Uhng. *Op. Cit.*, p. 318 - 319.

guerrilha urbana, possa ser tanto recordado quanto reinventado a depender da uma nova situação, pois a memória é fruto dos novos sentidos que se produzem para os sujeitos individuais e para os sujeitos coletivos (ambos sujeitos sociais). A autora ressalta que é por isso que existe uma rica pluralidade de vertentes sobre a luta armada na historiografia e não uma única versão consensual<sup>106</sup>.

Outrossim, ainda sobre a memória da guerrilha urbana, outro ponto para o qual esse trabalho chama atenção diz respeito à relevância de líderes da luta armada, como, Carlos Marighella, Che Guevara e Fidel Castro na contemporaneidade. Consoante Rollemberg, Hur e Gondar, é certo que as ações realizadas pelas pessoas no presente sofrem influência de suas memórias passadas, neste horizonte, é factível crer que tais líderes e seus discursos assumem um elevado grau de influência perante parcelas da população que se vêm inspiradas e motivadas a seguirem seus passos com o propósito de modificar o status quo vigente. Nesta perspectiva, a revolução nunca está morta, pois independentemente do desfecho que ela tenha tomado no passado, esta é sempre revivida no presente mediante o legado destes revolucionários e de seus discursos.

Destarte, em consonância com Foucault, o discurso de Marighella não reflete a realidade sobre aquele período, mas sim uma distorção desta. Seu discurso, acima de tudo, retrata uma verdade construída sob o seu ponto de vista e, portanto, destaca fatores pré-selecionados por ele que reforçam sua narrativa<sup>107</sup>. À vista disso, é importante destacar que esta pesquisa não tem por objetivo desqualificar o discurso de Marighella e suas ideias, estes foram sem sombras de dúvidas extremamente relevantes para inspirar pessoas a lutarem contra o fascismo no passado e ainda continua o sendo no presente. No entanto, tal estudo busca frisar que não é possível considerar o discurso do político e revolucionário Marighella como uma verdade inabalável acerca daquele período, pois, conforme Foucault, todos os discursos realizados pelos homens desde os primórdios da humanidade são carregados de sentidos, símbolos e intencionam determinadas finalidades<sup>108</sup>.

Isto posto, a partir da análise das entrelinhas do discurso de Marighella é possível concluir que este pretendia formar um grupo de pessoas revolucionárias que pudessem fazer frente à ditadura e seus atores. Grupo este que nos dizeres de Marighella parecia adquirir forças quase sobre-humanas para combater a polícia, pois sem armamento, munições,

---

<sup>106</sup> GONDAR, Jô. *Op. Cit.*, p. 5.

<sup>107</sup> FOUCAULT, Michel. *Op. Cit.*, p. 14 - 15.

<sup>108</sup> *Ibid.*, p. 14-15.

equipamentos e muitas outras coisas, o que restava aos guerrilheiros urbanos era a causa pela qual lutavam. Seu discurso de caráter inspirador e transformador era praticamente utópico, proclamava a insurgência de uma revolução de forma não convencional, a qual em última instância pautava-se em uma promessa que o guerrilheiro urbano fazia a si mesmo – a promessa de fazer a revolução.

Logo, a esquerda brasileira, fundamentada na teoria marxista-leninista, buscou empreender uma revolução arrebatadora no Brasil aos moldes da Revolução Russa, Cubana e Chinesa, sem embargo, fazendo as adaptações necessárias ao contexto brasileiro. Contudo, a revolução idealizada por estes não teve êxito por inúmeros motivos, como, um contingente muito inferior aos das forças armadas e policiais, a falta de armamento, munições e de muitos outros equipamentos necessários para levar adiante tal contenda, bem como o descompasso entre a guerrilha e a sociedade.

Dessa forma, segundo Reis Filho, o motivo da derrota estaria na assimetria entre as propostas da guerrilha e os movimentos sociais, ou seja, as ações dos guerrilheiros urbanos não conseguiram constituir-se como expressão política das lutas e movimentos sociais engendrados pela sociedade<sup>109</sup>. Ridenti, por sua vez, aponta como causa da derrota o fato de a revolução pensada pelos guerrilheiros urbanos, a qual pretendia transformar totalmente a sociedade, não ter conseguido representar a classe trabalhadora<sup>110</sup>. Já Gorender afirma que os guerrilheiros urbanos foram derrotados devido ao tom retardado que a luta empreendida por eles assumiu, isto é, o autor ressalta que ao invés de a luta armada ter ocorrido em Março/Abril de 1964, momento em que o golpe civil-militar foi instaurado pela direita, esta só começou a ser tentada em 1965 e desfechada em definitivo a partir de 1968, quando o adversário já estava em condições muito mais favoráveis que eles<sup>111</sup>.

Por fim, o discurso de Marighella explicita um pouco do contexto político daquela época, em outras palavras, revela como o Estado ditatorial implementado pelos militares com o apoio de civis foi violento e repressivo para com toda e qualquer suspeita de oposição política ao governo atuante, isto sob a justificativa de que o perigo comunista pairava no ar, desejoso de corromper a nação brasileira, tal como acontecera com Cuba, China e Rússia. Desta maneira, era imprescindível acabar com os movimentos revolucionários, nascidos na sociedade, que visassem a construção de uma nova ordem social.

---

<sup>109</sup> REIS FILHO, Daniel Aarão. *Op. Cit.*, p. 72.

<sup>110</sup> RIDENTI, Marcelo. *Op. Cit.*, p. 326.

<sup>111</sup> GORENDER, Jacob. *Op. Cit.*, p. 249.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Maria Helena Moreira. *Estado e oposição no Brasil (1964-1984)*. Bauru: EDUSC, 2005.
- BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. **Mortos e desaparecidos políticos / Comissão Nacional da Verdade**. Brasília: CNV, 2014.
- BRASIL. (1967) Decreto-Lei nº 314, de 13 de Março de 1967. Diário Oficial da União: Seção 1 - 13/3/1967, Página 2993. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1960-1969/decreto-lei-314-13-marco-1967-366980-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 15 Abr. 2023.
- Carlos Marighella. **Memorial da Resistência de São Paulo**, [s.d.]. Disponível em: <http://memorialdaresistenciasp.org.br/pessoas/carlos-marighella/>. Acesso em: 28 Abr. 2023.
- CHIAVENATO, Júlio José. A luta armada. In: CHIAVENATO, Júlio José. **“O Golpe de 1964 e a Ditadura militar”**. São Paulo: Moderna, 2004.p.(172)-(181).
- ECO, Umberto. *O Fascismo Eterno*. Rio de Janeiro: Record, 2018.
- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de Dezembro de 1970*. Tradução de Edmundo Cordeiro e António Bento. Ciberfil, 2002. Disponível em: [https://cienciaslinguagem.eca.usp.br/Foucault\\_OrdemDoDiscurso.pdf](https://cienciaslinguagem.eca.usp.br/Foucault_OrdemDoDiscurso.pdf). Acesso em: 23 Abr. 2023.
- GONDAR, J. Memória individual, memória coletiva, memória social. **Revista Morpheus - Estudos Interdisciplinares em Memória Social**, [S. l.], v. 7, n. 13, 2015. Disponível em: <http://seer.unirio.br/morpheus/article/view/4815/4305>. Acesso em: 24 Abr. 2023.
- GORENDER, Jacob. *Combate nas Trevas*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987.
- HUR, Domenico Uhng. *Memórias da guerrilha: construção e transformação*. Psicologia & Sociedade, 25(2), p.311-320, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/CGwWvMVHsTrbtYbkTZrbPvy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 Abr. 2023.
- MARIGUELLA, Carlos. *Manual do Guerrilheiro Urbano*. Sabotagem, 2003.
- REIS FILHO, Daniel Aarão. *A Revolução faltou ao encontro: os comunistas no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, CNPq, 1990.
- RIDENTI, Marcelo Siqueira. *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo: UNESP, 2005.
- ROLLEMBERG, Denise. Esquerdas revolucionárias e luta armada. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucila de Almeida Neves (Org.). *O Brasil Republicano, vol. 4. O tempo da Ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.p.(45)-(91).
- TREVISAN, Fabricio. *O movimento guerrilheiro contra a ditadura militar brasileira: uma análise da dicotomia “urbano-rural”*. Caminhos da História, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 138–160, 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/caminhosdahistoria/article/view/1142/1177>. Acesso em: 27 abr. 2023.